

SEGUNDA PARTE

REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO

A ECONOMIA POLÍTICA DO DESENVOLVIMENTO CONTEMPORÂNEO - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-HISTÓRICAS ¹

Dinizar Becker²

Resumo

Este texto faz algumas considerações teórico-históricas sobre o desenvolvimento contemporâneo, buscando identificar determinantes e desafios da economia política contemporânea. Procura, a partir da proposta teórica contida na idéia de redes de desenvolvimento e da dialética, enquanto metodologia, dar conta analítica da complexidade dos movimentos conformadores do desenvolvimento local-regional: transnacionalização dos espaços econômicos configurando os determinantes econômico-corporativos; regionalização dos espaços sociais conformando os desafios sócio-ambientais; descentralização política constituindo a mediação político-institucional.

Palavras-chave: Economia política, Desenvolvimento contemporâneo, Determinantes e desafios teórico-históricos.

Abstract

This work appreciates some theoretic-historical aspects of to contemporary development, trying to identify determinants and challenges of the contemporary political proposal that is part of the idea of nets of development and dialectic, while methodology, covering the analytical complexity of the adjusting movements of the local-regional development: transnationalization of the economical spaces shaping the economical-corporative determinants; regionalization of the social spaces adjusting

¹ Arquivo dini0400 – A economia política contemporânea.

² Doutor em Economia pela UNICAMP. Professor do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Desenvolvimento Regional e em Direito da UNISC. Professor do Departamento de Ciências Econômicas da UNIVATES - Centro Universitário. Livros Publicados: *Desenvolvimento Sustentável* – EDUNISC, 1999; *Competitividade – Os descaminhos da globalização*. FATES, 1998. Presidente do Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari – CODEVAT, 08/95 -08/01. Presidente do Fórum dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul - COREDES – RS, 09/97 - 07/00.

the social-context challenges; and the political decentralization establishing the political-institutional mediation.

Keywords: Political economy, Contemporary development, Theoretical-Historical determinants and challenges.

A ECONOMIA POLÍTICA DO DESENVOLVIMENTO CONTEMPORÂNEO³ - algumas considerações teórico-históricas

O processo de desenvolvimento contemporâneo, ao mesmo tempo que centraliza e transnacionaliza a reprodução ampliada do capital, descentraliza e regionaliza a reprodução social da vida. Com efeito, ao mesmo tempo que provoca a abertura para fora, provoca uma abertura para dentro. Resulta desse processo uma relativa desestruturação das macroestruturas (...) e uma necessária reestruturação das microestruturas locais (regionais) (Kumar, 1997, p.133). Em decorrência, abre-se a possibilidade concreta “de uma autodestruição criativa para toda uma (Beck, 1997, p.12) região.

Abre-se, assim, caminho para a existência de múltiplos modelos de desenvolvimento. Segundo Beck (1997, p.27), hoje não há um só modelo de desenvolvimento, mas vários modelos, dando forma e conteúdo a uma tendência de passagem das megadecisões, das macropolíticas, dos grandes projetos de desenvolvimento como forma predominante para uma crescente participação das micro e mesodécisões, micro e mesopolíticas e dos pequenos e mesoprojetos, que levam à definição e constituição de múltiplas formas de inserção subordinada ou autônoma de cada lugar no processo global de desenvolvimento (Becker, 1998).

Nessas condições, a geografia dos gostos, dos desejos, das fantasias, das culturas, das economias, das políticas, das tecnologias, dos ambientes diferenciados, diversificados e plurais se tornam orgânica e dinamicamente a mola propulsora, sob o comando do capital financeiro, do novo padrão⁴ de desenvolvimento que se desenha e se avizinha (Becker, 1998). Enquanto padrão de desenvolvimento, impõe limites e gera desafios muito objetivos e concretos para as regiões (aos lugares), diante do que já não basta o pensar global e o agir local (Stroh, p. 1995). É preciso ir além, pensar local e agir globalmente. É preciso seguir à risca a assertiva tolstoniana “conhece tua aldeia e serás global”.

³ Este texto, mais do que qualquer outro, é um texto em elaboração. De acordo com o pensamento de Demo, o “conhecimento é processo, está sempre se fazendo” e, por isso, está sempre se refazendo. Portanto, este é um texto sujeito a críticas e, mais um texto à espera de contribuições e sugestões dos seus possíveis e eventuais leitores. Porque na nossa proposição e nas palavras de Castoriadis, este, “é um texto se fazendo”.

⁴ Sobre conceito de padrão utilizado nesse texto consultar: Mattoso, J. E. L. *A desordem do trabalho*. São Paulo: Página Aberta, 1995. Cap. II, especialmente p. 62 e segs.

Para se pensar local e agir globalmente, é preciso existirem informações transformadas em conhecimento sobre e para o desenvolvimento da região (do lugar), tendo em vista que as regiões (os lugares), nessa nova condição, deixam de ser versões locais do desenvolvimento nacional, para adquirirem uma dinâmica própria e específica, com o que acabam adquirindo especificidades próprias que passam a exigir teorias, também próprias, para explicar e compreender o desenvolvimento do lugar (Haddad, 1993).

Isso tudo torna-se mais verdadeiro, tendo presente que “com tudo o mais saindo da equação competitiva, o conhecimento tornou-se a única fonte de vantagem competitiva sustentável a longo prazo” (Thurow, 1997, p. 104) da região (do lugar). Conhecimento que “pode ser empregado somente através das habilidades” (Thurow, 1997, p. 104) de articulação dos agentes locais-regionais, sujeitos diretos e legítimos do processo de desenvolvimento da região (do lugar).

Na verdade, essa nova condição resulta de duas megatendências contraditórias e, ao mesmo tempo complementares, configuradoras e dinamizadoras do desenvolvimento contemporâneo. De um lado, observa-se a crescente transnacionalização dos espaços econômicos. De outro lado, constata-se a decorrente regionalização dos espaços sociais (Becker, 1998). Transnacionalização e regionalização são, na verdade, dois lados do mesmo processo de desenvolvimento (Beck, 1997).

No movimento do econômico, com a crescente transnacionalização de espaços econômicos⁵, ocorre a interligação de regiões (lugares) estratégicas economicamente para valorização do capital, principalmente conformando redes verticalizadas (Santos, 1994)⁶ e, por isso, hierarquizadas, de pontos (regiões ou lugares) estratégicos aos fluxos desregulados de capitais (Tavares, 1993), viabilizados pela “crescente liberalização dos movimentos de capitais entre as principais praças de negócios” (Belluzzo, 1997, p.152), constituindo, assim, “uma práxis privada e pública de cunho liberalizante e estimuladora da especulação” (Braga, 1997, p. 201), o que leva à financeirização da riqueza global (Braga, 1997).

Dessa forma, constituem-se as redes organizadas e estruturadas, segundo a capacidade técnico-econômica de cada região ou lugar (ponto na rede) em alavancar e comandar volumes crescentes de recursos financeiros, em controlar e analisar informações e em produzir e utilizar conhecimentos tecnológicos (Harvey, 1993).

Essa capacidade de orientar e direcionar fluxos financeiros, gerar e considerar cenários futuros no processo decisório presente e desenvolver habilidades de regiões

⁵ Para uma discussão contemporânea de espaço consultar: BENKO, G. *Economia, espaço e globalização*. São Paulo: HUCITEC, 1999. CORRÊA, R. L. ESPAÇO: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. *GEOGRAFIA: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

⁶ “... verticalidades seriam formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas de processos sociais” (p. 16).

(lugares), normalmente, em nossos dias, está associada à existência e/ou influência de grandes grupos econômico-financeiros, transnacionalizados.

Neste contexto hierarquizado, comandado por transnacionais (Dowbor, 1998), as redes alteram-se, modificando suas regiões ou lugares econômicos (pontos estratégicos), com muita frequência e velocidade. Isso tudo, porque “poderosas e concretas empresas transnacionais” (Dowbor, 1998, p. 14) modificam suas posições na rede de acordo com seus interesses corporativos (Braga, 1997). “Dotadas de grande poder financeiro e de influência sobre a opinião de mercado, elas são, na verdade, formadoras de convenções, no sentido de que podem manter, exacerbar ou inverter tendências” (Belluzzo, 1997, p. 177). Dessa forma, incluindo e excluindo, novas e velhas regiões, nos e dos fluxos comerciais e financeiros transnacionalizados (Braga, 1997).

Basta observar o que ocorreu na Ásia nos tempos recentes, em que “tigres” viraram “gatos” da noite para o dia, ou o que aconteceu com as economias ditas emergentes, que imergiram da noite para o dia ou do dia para a noite, tanto faz, frente ao turbilhão especulativo do capital financeiro transnacionalizado.

Assim, a transnacionalização dos espaços econômicos leva as regiões (lugares) a se tornarem possibilidades alternativas à valorização do capital financeiro. As regiões ou lugares (pontos na rede) que assegurarem as melhores condições para a valorização do capital financeiro transformam-se em suas bases regionais-locais, uma base sempre provisória e temporária, já que o capital financeiro caracteriza-se por sua volatibilidade e mobilidade. Isso implica que, aparecendo outra região (lugar) mais em conta, mais favorável, o capital financeiro migra para essa nova região ou lugar (ponto na rede) (Becker, 1998), o que leva, segundo Thurow (1997), as regiões (os lugares) a competirem entre si, para atraírem e regionalizarem (localizarem) investimentos em seus territórios.

Nesse ambiente de competição, o próprio processo de desenvolvimento faz com que “regiões tenham agora de concorrer entre si para firmar posições nos fluxos globais, ou ficarão fora dos fenômenos mais dinâmicos” (Kumar, 1997, p. 165) do desenvolvimento contemporâneo.

Diante dessa dinâmica ou dessa lógica, não restam muitas opções às comunidades regionais (aos múltiplos lugares). Normalmente, os agentes do desenvolvimento regional reagem de forma passiva, submissos à dinâmica do sistema, accitando as oportunidades decorrentes dessa nova divisão internacional do trabalho, definidas pelo próprio processo de transnacionalização dos interesses econômico-corporativos financeirizados. É a tal da dependência submissa. Ou uma abertura para fora subordinada, ou, ainda, uma articulação externa subordinada à dinâmica do capital financeiro.

Nessa forma de reação, a única possibilidade de se desenvolver uma determinada região (ponto na rede) é servir aos interesses dos conglomerados, transnacionalizados, concedendo-lhes todo tipo de facilidades. É a velha e surrada fórmula de se fazer desenvolvimento, concentrando investimentos e renda e, assim, gerando crescentes

desequilíbrios regionais e desigualdades sociais (Becker, 1998).

Já no movimento do social, com a crescente regionalização dos espaços sociais⁷, ocorre a interligação de áreas (regiões) contíguas, necessárias socialmente para a produção e reprodução da vida humana, num primeiro plano, e da vida em geral, num segundo plano, principalmente configurando relações horizontalizadas (Santos, 1994)⁸ e, por isso, relações de cooperação entre os agentes regionais do desenvolvimento, tendo em vista a reprodução social (cultural) e ambiental (natural) do lugar/local (comunidade, municipalidade, região, estado, nação) em seu conjunto.

Com a regionalização da reprodução social e ambiental do lugar, os interesses do capitalismo “pelas particularidades do local, localidade, heranças e história coincidem com a renovação global do reconhecimento, pelo capitalismo, da importância do local” (Kumar, 1997, p. 197), da região, para a produção da sobrevivência humana. “Tal fato não se choca, ao contrário, complementa a tendência do capitalismo, em sua fase global, de comprimir e unificar o espaço (Kumar, 1997, p. 107). É esse “encurtamento do espaço que põe em concorrência comunidades diferentes em todo o globo” (Harvey, 1993, p. 271).

“Esse fenômeno teve como um de seus efeitos, inesperadamente, a renovada importância do local e uma tendência para estimular culturas(...) regionais” (Kumar, 1997, p. 132), e abre caminhos para a “participação social no processo de decisão e construção regional, garantindo a adaptação rápida às constantes mudanças provenientes do dinamismo global” (Leite, 1994, p. 26). Termos como cooperação, participação, parceria, consórcio, integração, ao lado de outros como diferenciação, diversificação, pluralização passam a fazer parte do discurso dos agentes regionais (econômicos, sociais, políticos) do desenvolvimento (Becker, 1996a).

E isso é funcional ao sistema, já que “a criação de um espaço global abstrato, homogêneo, gera um impulso contrário para a localização, diferenciação e a diversidade” (Kumar, 1997, p. 197). Com isso, abre-se a possibilidade concreta para a existência e coexistência competitiva de múltiplos modelos de desenvolvimento regional (Becker, 1998).

Parafraseando Touraine (1996, p. 33), somente os movimentos regionais fortes e autônomos são capazes de resistir à dinâmica econômico-corporativa de financeirização da riqueza, simultaneamente desintegradora e transnacionalista, e de conquistar uma autonomia real à produção e reprodução social (cultural) e ambiental (natural) da região (do lugar). Assim sendo, uma nova ou renovada importância pode ser atribuída ao regional

⁷ Para uma discussão conceitual da dinâmica espacial atual consultar: HARVEY, D. . *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993 e BENKO, op. cit.

⁸ “As horizontalidades serão os domínios da contigüidade, daqueles lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial...” (p. 16)

(local) (Kumar, 1997, p. 133), o que pode assegurar as bases para uma inserção independente, diferenciada e diferenciadora, ou garantir as condições para uma articulação autônoma, por estar de acordo com um projeto sócio-ambiental próprio e específico de uma determinada região (lugar).

Dessa maneira, renascem as condições concretas para a existência e coexistência competitiva de múltiplos modelos de desenvolvimento regional (Becker, 1998).

Por um lado, surge a necessidade, e com ela os elementos determinantes de uma região (lugar) econômica articulada de forma especializada, setorializada, verticalizada e hierarquizada pelos interesses econômico-corporativos transnacionalizados da reprodução do capital financeiro. Nessa condição, uma região (lugar) economicamente determinada na rede mundial de valorização do capital.

Por outro lado, surge a possibilidade, e com ela os elementos desafiadores de uma região (lugar) social e ambiental auto-articulada de forma espacializada, regionalizada, horizontalizada e contigualizada, pelos interesses locais-regionais de reprodução da vida. Enquanto tal, uma região (lugar) social e ambiental autodeterminada pelo processo de regionalização da valorização da vida.

É essa a necessidade-possibilidade⁹ constituidora desse “novo” lugar (região) de desenvolvimento setorial-regional, resultante de um lado, e setorialmente, da dinâmica econômica-corporativa de valorização do capital e, de outro lado e regionalmente, da dinâmica sócio-ambiental de valorização da vida, que configura e conforma o processo de desenvolvimento contemporâneo.

Dessa forma, ao ressuscitar o lugar, econômica e socialmente, o sistema capitalista recupera o espaço para o diferente, o diverso, o plural, o heterogêneo. Em outros termos, abre espaço para a competição interregiões (interlugares) e, assim, para a regionalização do desenvolvimento contemporâneo (Becker, 1997a e 1996b).

Ocorre que, ao devolver às comunidades regionais (locais), os desafios de gerar por si só as condições para a reprodução da vida, o sistema capitalista também devolve a possibilidade de que aflorem múltiplos modelos de desenvolvimento regional (local), e, com isso, a necessidade de que cada região (lugar) organize e estruture o seu próprio modelo de desenvolvimento diferenciado e diferenciador.

Nesse contexto, os múltiplos processos de desenvolvimento organizam-se e orientam-se pelas necessidades e interesses locais, fundados e fundamentados na capacidade autônoma de articulação interna dos agentes regionais do desenvolvimento e na capacidade de articulação autônoma dos interesses sócio-ambientais regionalizados com os interesses econômico-corporativos globalizados (Becker, 1993).

Decorre dessa nova dinâmica do desenvolvimento contemporâneo toda uma necessidade de desconstrução do antigo padrão de desenvolvimento e a possibilidade de

⁹ Determinantes-desafios constituidores desse “novo” lugar.

uma reconstrução de acordo com um novo padrão fundado no múltiplo, no diverso, no diferente, no plural.

Nessa transição, diversificar, diferenciar, pluralizar transformaram-se em pressupostos e objetivos viabilizadores de inserções diferenciadas e diferenciadoras; portanto, alternativas dos múltiplos lugares no processo de desenvolvimento global. Assim, abre-se espaço para as histórias locais, as tradições do lugar, enfim, para os desejos e fantasias localizados não só no sentido poético como se pode à primeira vista pensar, mas para colocar em concorrência os múltiplos lugares, com o que a valorização do capital financeiro é acelerada no tempo e no espaço, transformando as regiões (os lugares) em espaços alternativos para a valorização do capital financeiro (Becker, 1996b).

A possibilidade de que aflorem e coexistam múltiplas regiões (múltiplos lugares) de desenvolvimento é uma realidade decorrente do próprio processo de transformação do sistema capitalista e é funcional ao mesmo. Enquanto tal, muito antes de ser uma possibilidade, é uma necessidade do próprio sistema, uma vez que, ao mesmo tempo que com uma mão transnacionaliza e homogeneiza, com outra mão regionaliza e heterogeneiza e com as duas mãos flexibiliza e recria a competição dos sujeitos, no tempo e no espaço, do processo de desenvolvimento, renovando as funções e os papéis da região (do lugar).

É a partir dessa competição que se cria a necessidade e a possibilidade do espaço para o diverso, o diferente e o plural, o que traz à tona outros aspectos da vida humana (cultural, natural, ético-moral), além do econômico-material (Becker, 1998).

Como muito bem coloca Leite (1994), aos muitos lugares (às muitas regiões) e elementos que compõem o processo de desenvolvimento são atribuídos valores específicos que mudam constantemente a evolução dos padrões culturais. Estes estão, por sua vez, fortemente enraizados nos processos naturais de cada lugar (de cada região), isto é, a natureza e a cultura juntas, como processos interagentes, é que conferem forma e individualidade aos lugares (as regiões). Enfim, conformam o próprio e o específico do lugar (da região), distinguindo-o do geral e dos seus singulares.

Com efeito, abre-se a possibilidade para reconhecer e conferir autonomia às diferentes formas de organização das comunidades locais-regionais e de suas formas de interrelacionamento (Stroh, 1995).

Portanto, acompanha a transnacionalização dos espaços econômicos e a regionalização dos espaços sociais todo um processo de flexibilização das relações de poder, configurando um processo de descentralização política em direção ao reconhecimento da existência de múltiplos sujeitos do processo de desenvolvimento (Touraine, 1996). Trata-se, na verdade, de se pensar a nossa realidade, através do *diferencial* (Goldman, 1994).

Nesse contexto, dois elementos fundamentais retornam à mesa das decisões do processo de desenvolvimento: o cultural, produto das relações dos homens entre si e dos homens com a natureza do local, e o natural, que se transformam nos elementos

possibilitadores ou limitadores de um desenvolvimento diferenciado do lugar. Cada processo de desenvolvimento específico resulta da produção material (relação homem-natureza), da produção cultural (relações homens entre si) e da produção ideológica (relações de poder), também específicas (Becker, 1997b).

São essas especificidades das características (culturais, naturais, ético-ideológicas) da região que passam a conferir identidade ao lugar (a região) (Stroh, 1995).

Portanto, cultura, natureza e valores ético-morais transformaram-se nos elementos possibilitadores¹⁰ e/ou limitadores¹¹ de um desenvolvimento diferenciador e alternativo do lugar.

Na verdade, a existência desses elementos são a condição necessária, mas não suficiente para desenvolver qualquer região (lugar), já que as novas condições de reprodução do capital exigem de setores e regiões que queiram se fixar competitivamente alterações na sua estrutura e formas de competição para se adequarem aos novos padrões de concorrência decorrentes. Nesse contexto de concorrência intercapitalista, as regiões (os lugares) transformam-se em pontos estratégicos na rede mundial de valorização financeira do capital. Em outras palavras, transformam-se em alternativas ao processo de valorização do capital financeiro transnacionalizado (Becker, 1997b).

Na condição de alternativa configurada e conformada pelo processo de valorização, cabe às regiões (aos lugares) configurarem e conformarem ambientes econômicos favoráveis e atrativos aos capitais transnacionalizados. Por esse caminho, as regiões (os lugares) transformam-se em reféns do processo de valorização do capital transnacionalizado (Becker, 1996a, p. 49).

Portanto, a possibilidade de que aflorem novos modelos de desenvolvimento é uma realidade decorrente do próprio sistema capitalista (Becker, 1997b), e, ao mesmo tempo, abre a possibilidade, a condição suficiente, para se pensarem alternativas de desenvolvimento da região (do lugar) fundadas na diferenciação social, na diversificação econômica e na pluralidade político-ideológica, intra e inter-regionalmente, com o que se colocam dois desafios para os agentes do desenvolvimento da região (do lugar): primeiro, sair de uma ação passiva para uma ação ativo-criativo-inovativa¹²; segundo, tomar a diferença, a diversidade, a pluralidade como pressuposto e objetivo do projeto de desenvolvimento da região (do lugar)¹³.

¹⁰ Porque possibilitam mudanças na vida sócio-econômica regional por sua própria iniciativa e não porque lhe foram impostas de fora (Schumpeter, 1985, p. 47).

¹¹ Quando presos à tradição, transformada em vocação. Na condição de vocação, a tradição transforma-se em incapacidade de inovar, impossibilitando o desenvolvimento.

¹² No sentido que lhe atribui Schumpeter (1985, p. 50) o "desenvolvimento consiste primariamente em empregar recursos diferentes de uma maneira diferente... provocando novas combinações".

¹³ Trata-se de pensar e realizar o desenvolvimento do lugar através do *diferencial*, como afirma Goldmann, já citado.

Diante dessa nova necessidade, algumas regiões (lugares) conseguem construir seu modelo de desenvolvimento, outras, não. Algumas regiões (lugares) conseguem desenvolver suas potencialidades; outras só conseguem aproveitar as oportunidades decorrentes da dinâmica global de desenvolvimento. Terceiras conseguem combinar eficientemente o desenvolvimento de suas potencialidades com o aproveitamento eficaz das oportunidades oferecidas pelo processo de desenvolvimento global. Quartas não conseguem nem uma e nem outra, e tendem a desaparecer enquanto região (lugar) sócio-ambiental e/ou lugar (região) econômico-corporativo de desenvolvimento.

Frente a essa nova realidade pode-se perguntar: por que algumas regiões (lugares) conseguem e outras não, desenvolver seu modelo próprio e específico de desenvolvimento? E mais, por que algumas regiões (lugares) conseguem articular os interesses locais (sociais e ambientais) regionalmente e inseri-los na dinâmica global de desenvolvimento, articulando os interesses sócio-ambientais regionalizados aos interesses econômico-corporativos transnacionalizados?

Responder a essas questões é tarefa gigantesca, multidisciplinar e multistitucional. Bem, isso é objeto para um programa de pesquisa! Ainda mais que, sabemos todos, pesquisadores, planejadores e gestores do desenvolvimento trabalham isoladamente. Cada pesquisador, na sua Instituição e com sua pesquisa disciplinar, procura dar conta de um objeto de estudo cada vez mais complexo, porque resultante de múltiplas determinações. Cada burocrata, no seu órgão público ou privado e com seus modelos, procura prever um futuro cada vez mais incerto, porque resultante de múltiplos determinantes competitivos. Cada gestor, na sua entidade e com suas atividades cotidianas, procura dar conta de um processo decisório cada vez mais estratégico, porque resultante de múltiplos desafios cooperativos.

Como podemos presumir, muitas são as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores-planejadores-gestores do desenvolvimento. Entre elas, ganham destaque as dificuldades teórico-metodológicas da interdisciplinaridade. Não só dificuldades na construção de interfaces comunicativas entre disciplinas-atividades, mas, principalmente, na construção de um instrumental metodológico multidisciplinar, que, de um lado e, ao mesmo tempo, assegure a diferença, a diversidade, a pluralidade de objetos de estudo-trabalho e garanta resultados das pesquisas comparáveis entre si e, de outro lado, produza conhecimentos utilizáveis pelos condutores do desenvolvimento local-regional.

De qualquer forma, repito, essa é uma questão muito complexa que exige novo instrumental analítico. Tema que trabalho em outro artigo intitulado "A ECONOMIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA: Algumas considerações lógico-metodológicas".

BIBLIOGRAFIA

- BECKER, B. K. A Amazônia pós-ECO-92. In: Bursztyn, M. *Parapensar o desenvolvimento sustentável*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BECKER, D. F. Competitividade: um novo padrão de produção e consumo mundial. *Estudo & Debate*. Lajeado: FATES, v. 2, n. 2, p. 01-24, 1995.
- _____. Competitividade: um novo padrão de desenvolvimento regional. *REDES*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. 1, n. 1, p. 9-56, 1996a.
- _____. Sustentabilidade: um novo (velho) paradigma de desenvolvimento. *REDES*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, v. 2, n. 2, p. 17-74, 1996b.
- _____. *Sustentabilidade: o (des)caminho da regionalização social*. *Estudo & Debate*. Lajeado: FATES, v. 3/4, n. 2/1, p. 07-44, 1997a.
- _____. (Org.). *Desenvolvimento Sustentável: Necessidade e/ou possibilidade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997b.
- _____. (Org.). *COMPETITIVIDADE: o (des)caminho da globalização*. Lajeado: FATES, 1998.
- BECK, U. A reinvenção da política. In: GIDDENS, A., BECK, U., LASH, S. *A modernização reflexiva*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BELLUZZO, L. G. M. Dinheiro e transfigurações da riqueza. In: TAVARES, M. C., FIORI, J. L. *Poder e dinheiro*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BENKO, G. *Economia, espaço e globalização*. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BRAGA, J. C. S. Financeirização global. In: TAVARES, M. C., FIORI, J. L. *Poder e dinheiro*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CORRÊA, R. L. ESPAÇO: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E., GOMES, P. C. C., CORRÊA, R. L. *GEOGRAFIA: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- DOWBOR, L. *A reprodução social: propostas para uma gestão descentralizada*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GOLDMAN, M. *Razão e diferença*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- HADDAD, P. R. Regiões, regionalismos e desequilíbrios espaciais de desenvolvimento: Algumas reflexões. *Análise Conjuntural*. Porto Alegre: FEE, v. 2, n. 2, p. 255-270, 1993.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

INNOCENTINI, M. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. São Paulo: Tecnos, 1979.

KUMAR, K. Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LEITE, M. A. P. *Destruição ou desconstrução*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

MATTOSO, J. E. L. *A desordem do trabalho*. São Paulo: Página Aberta, 1995.

SANTOS, M. *et al. Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SCHUMPETER, J. *A teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

STROH, P. Y. As ciências sociais na relação interdisciplinar do planejamento para o desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, C. (Org.). *Desenvolvimento e natureza*. São Paulo: Cortez; Recife: Joaquim Nabuco, 1995.

TAVARES, M. C., FIORI, J. L. *Desajuste global e modernização conservadora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

THUROW, L. C. *O futuro do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

TOURAINÉ, A. *O que é democracia?* Petrópolis: Vozes, 1996.

